

01

AMORES CLANDESTINOS GAYS NA VELHICE: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO FILME SUK SUK: UM AMOR EM SEGREDO

**CLANDESTINE GAY LOVES IN OLD AGE: AN
EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS
OF THE FILM SUK SUK: A SECRET LOVE**

Jorge Luis Lira da Silva

Doutor em Educação (UFPE)

E-mail: jorge.lsilva@ufpe.br



RESUMO

Este artigo buscou compreender o fenômeno da velhice e da homossexualidade a partir da análise do filme *Suk Suk: um amor em segredo*. Partimos da hipótese de que homens gays estariam duplamente suscetíveis a estigmas e preconceitos: pelo etarismo e pela LGBTfobia. O marco teórico ancorou-se nos estudos sobre velhice, homossexualidade e sexualidade a partir de um olhar fenomenológico existencial. Como método, optamos pela análise fenomenológica hermenêutica, em uma perspectiva heideggeriana. Como resultados, o filme, em análise, contribuiu significativamente para a reflexão sobre a existência de homens gays que se encontram na velhice, vivenciando uma sexualidade dissonante, a partir de experiências no campo afetivo-sexual, no campo político de reivindicações de direitos à vida, atravessadas de medo, angústia, solidão, apatia, clandestinidade, em um horizonte histórico contemporâneo marcado por preconceitos, silenciamentos, violências e invisibilidades. Assim, a análise desse filme revelou sua pertinência não apenas como expressão artística, mas também como contribuição na produção de conhecimento científico na área da fenomenologia existencial.

Palavras-chave: Etarismo; Fenomenologia Existencial; Homofobia; Homossexualidade; Velhice.

ABSTRACT

This article sought to understand the phenomenon of aging and homosexuality through the analysis of the film *Suk Suk: A Secret Love*. We started from the hypothesis that gay men are doubly susceptible to stigma and prejudice: due to ageism and LGBTphobia. The theoretical framework was anchored in studies on aging, homosexuality, and sexuality from an existential phenomenological perspective. As a method, we chose hermeneutic phenomenological analysis from a Heideggerian perspective. As a result, the film significantly contributed to the reflection on the existence of gay men in old age, experiencing a dissonant sexuality through affective-sexual experiences and political struggles for life rights, marked by fear, anguish, loneliness, apathy, secrecy, within a contemporary historical context characterized by prejudice, silencing, violence, and invisibility. Thus, the analysis of this film revealed its relevance not only as an artistic expression but also as a contribution to the production of scientific knowledge in the field of existential phenomenology.

Keywords: Ageism; Existential Phenomenology; Homophobia; Homosexuality; Old Age.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, marcada por um sistema econômico capitalista, de maneira quase hegemônica, em termos globais, as pessoas são tratadas sob a ótica da produtividade, do utilitarismo, ou seja, “o trabalhador é aproveitado enquanto ele possui força para nutrir o sistema de produção” (Lisboa Filho; Machado; Dias, 2013, p. 35). Nesse contexto, esse corpo, visto como máquina, quando se esgota, não se torna mais interessante ao modo de produção capitalista, já que, em consonância com De Beauvoir (2018, p. 21), em se tratando da velhice, [...] “a condição do velho depende do contexto social. Ele tem um destino biológico que acarreta fatalmente uma consequência econômica: torna-se improdutivo”.

Dentro dessa problemática de obsolescência com a qual a velhice é tratada nas relações de trabalho, assistimos ao aumento da expectativa de vida no mundo contemporâneo, o qual se deu por meio de alguns fatores tais como o avanço da ciência, da medicina, das políticas de saúde pública e o

*baby boom*¹ que se deu depois da Segunda Guerra Mundial (Nascimento, 2021, p. 3).

Assim, é possível compreender o envelhecimento também como uma questão de desenvolvimento, acarretando mudanças no desenvolvimento econômico dos países, em especial dos países em desenvolvimento. Reiteramos, por conseguinte, como apontando no documento *Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade*, que “a expectativa de uma vida mais longa é uma conquista da civilização e representa grande potencial para o desenvolvimento humano geral” (Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015, p. 19).

Todavia, mudanças na forma como os governos ainda tratam os seus idosos esbarram numa questão primordial, a discriminação etária que ainda persiste na sociedade,

1 Constituiu-se um fenômeno, no qual a Europa e os Estados Unidos, nos anos de 1946 e 1964, viveram um aumento súbito da natalidade, já que “o otimismo e a esperança dos dias de paz promoveram uma explosão demográfica (Nascimento, 2021, p. 2)”. Assim, estas crianças, que viveram a adultez, nos anos 70, vivenciaram e participaram de muitas mudanças de âmbito social, político, cultural e econômico (no início, promissora), de modo que ocuparam o mundo do trabalho nesse período. É uma geração que, tendo passado pelo pós-guerra, foi criada com rigidez e disciplina, em relação aos gastos, à obstinação e ao foco no trabalho, na família, na busca por realização pessoal, prosperidade, estabilidade financeira, participação nas lutas por justiça social e envolvimento nos movimentos artísticos, impactando nas relações sociais, com o seu modo de vida singular, e, consequentemente, no ciclo de vida, o envelhecimento, em suas novas configurações e temporalidades.

caracterizada como uma ação preconceituosa em relação à idade, a qual pode assumir diversos contornos, desde ações individuais até no campo político e nas práticas organizacionais que vão materializando e naturalizando esse comportamento (Nascimento, 2021). Dessa forma, impossibilita-se a cobrança do efetivo funcionamento de políticas públicas para atender a essa população nos aspectos relativos à habitação, à saúde, à alimentação, à cultura, à socialização, ao lazer e ao bem estar, por exemplo. Além disso, ao invés da implementação desses direitos, essa população tem ainda que lidar com outros sofrimentos relativos ao abandono, à solidão, à depressão, à violência, entre outros (Nascimento, 2021).

Tudo isso se torna ainda mais complexo e emblemático quando o marcador social idade/geração se intersecciona ao marcador orientação sexual, neste trabalho, focado na homossexualidade masculina, o que parece duplicar as possibilidades de homens gays estarem suscetíveis e estigmas, preconceitos e outras formas de violências, seja pelo etarismo, dado à discriminação contra idosos, advinda tanto da sociedade, de maneira mais ampla, como também da própria comunidade LGBTQIAPN+; seja pela homofobia, preconceito à orientação sexual dissonante do padrão cisheteronormativo estabelecido, o que poderia ocasionar prejuízos do ponto de vista das possibilidades de modos de

ser na existência desses corpos, o que vai, por um lado, complexificando a natureza desse estudo; e, por outro, vai apresentado a hipótese do mesmo.

Nessa direção, tomamos por empréstimo a expressão interseccionalidade, oriunda das teorias feministas negras, cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, vista como sendo, a princípio, uma articulação entre eixos de poder e de discriminação que, na estrutura social, produzem opressão, no que se refere ao racismo e ao sexismo, aplicando-o, aqui, nesse estudo, a outras dimensões dos processos de construção identitária, isto é, aos marcadores sociais idade/geração e sexualidade. Dessa forma, se, por um lado, tais marcadores e suas características apontam para a diversidade presente na sociedade; por outro, se prestam como instrumento para hierarquizar e perpetuar desigualdades.

Nesse contexto, em consonância com Wladirson e Chaves (2012, p. 35), consideramos, nessa interface entre os temas do envelhecimento e da homossexualidade, um horizonte discursivo que entrecruza “as diversas sexualidades ou sexualidades divergentes e as masculinidades num sentido hipermoderno e plural”. Assim, acreditamos que o debate sobre essa temática, em concordância com Mota (2009), só pode realizar-se no campo da experiência, ou seja, a sexualidade é uma construção que se faz historicamente, como, por exemplo, viver uma relação amorosa homossexual na

velhice, ainda, que marginalizada, aos moldes dos padrões sociais, como representada no filme em análise.

Portanto, o estudo sobre a homossexualidade masculina e o envelhecimento se justifica, ainda, por um “certo silêncio a respeito da extensão e da complexidade que envolve o tema” (Mota, 2009, p. 26), conforme aponta a literatura².

Nessa direção, refletir sobre essa temática, a partir da fenomenologia existencial, põe em relevo a existência de corpos que, situados hermenêuticamente, podem caminhar, muitas vezes, na esteira da invisibilidade e da exclusão social. Além disso, esse estudo pode se juntar a outros que se propõem a visibilizar essa temática, quanto ao fomento e proposição de políticas públicas a serviço do respeito e da garantia de direitos à vida dessas existências em sentido pleno.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é compreender o fenômeno da velhice e da homossexualidade, a partir da análise do filme *Suk Suk: um amor em segredo* (2019) sob a perspectiva da fenomenologia existencial.

Como aspectos metodológicos, optamos pela análise fenomenológica hermenêutica, em uma perspectiva heideggeriana. Anterior a esse momento, procedemos ao processo

2 Conferir os estudos de Weeks, 1983; Leal e Mendes, 2017; Debert e Henning, 2015; Mota, 2014; Wladirson e Chaves, 2012; Arrais, Lima e Santiago, 2014 sobre a temática.

de busca acadêmica (por meio de artigos de revisão, artigos exploratórios, teses, dissertações) em bases de dados especializadas (Google Acadêmico, Scielo, Pepsic), cujo critério de seleção da bibliografia sobre o tema, quanto ao tempo de produção, articulou-se com a Resolução nº 001 de 1999, do Conselho Regional de Psicologia, na qual há o entendimento de que a sexualidade faz parte da identidade de cada sujeito e, portanto, as relações homoafetivas não constituem patologias (Conselho Federal de Psicologia, 1999).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Oliveira (2017), há o pressuposto de que o cinema-arte pode se configurar como um significativo instrumento de pesquisa. Gonzaga Filho (2023, p. 3), por sua vez, afirma que fazer arte é realizar a atividade fenomenológica, destacando que todas as vezes que alguém realiza uma criação artística coloca o mundo todo ou uma parte dele em parênteses.

Gonzaga Filho (2023) parte da concepção de que conceber o filme como um exercício fenomenológico consiste em tratá-lo em dois níveis: a) primeiro nível: o nível da tela, o qual diz respeito aos profissionais que estão na produção do filme, envolvendo os atores, o escritor, o diretor, o cineasta, os quais estão envolvidos com o fazer artístico; b) segundo nível: possibilidades de se encontrar o exercício

fenomenológico, constitui aquele que detém o público. “O mundo que existe fora do cinema é colocado entre parênteses e a consciência se rende a uma atenção mais subjetiva” (Gonzaga Filho, 2023, p. 3). O autor aponta que assistir a um filme significa estar implicado numa entrega subjetiva na leitura do texto construído por imagens, as quais, por meio dos sentidos, serão captadas para a elaboração de novos conceitos (Gonzaga Filho, 2023).

Sendo assim, a análise do filme *Suk Suk: um amor em segredo* se sustenta numa perspectiva fenomenológica existencial de pesquisa que procura descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção, constituintes de uma totalidade, possibilitando uma mudança de atitude (da natural à fenomenológica), de modo que o ser-aí e o mundo revelam-se, de maneira recíproca, como significações, como afirma Forghieri (1993).

Nesse sentido, em consonância com Amatuzzi (2003), consideramos que a fenomenologia é um método significativamente importante para se estudar como os/as pessoas *estão sendo* em um determinado momento de suas vidas, o que significa abandonarmos nossas crenças e nossos juízos, para entrarmos em contato com a realidade vivida por aquela pessoa, a qual estamos tomando como ponto de partida, a partir da perspectiva dela e não da nossa.

Nessa direção, assumimos o método de pesquisa fenomenológica hermenêutica, numa perspectiva heideggeriana, para análise do filme, por este considerar o horizonte sedimentado no qual a velhice e a homossexualidade é (re) apresentada nas telas. Ademais, seguindo esse método, não partimos de categorias *a priori* pré-determinadas, em um esforço de enquadramento dos dados a pressupostos teóricos definidos, mas consideramos as unidades de sentido que emergem da experiência, da maneira como o ser-no-mundo a significa, na busca pela correspondência de sentidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Singularidades nas experiências da velhice e da homossexualidade no filme *Suk Suk: um amor em segredo*: reflexões à luz da fenomenologia hermenêutica

Consideramos que a unidade temática que intitula essa seção foi obtida em função da leitura do filme *Suk Suk: um amor em segredo*, momento inicial que propiciou a obtenção de um sentido e sedimentou o caminho para a apreensão de significados do fenômeno velhice e homossexualidade, situado em uma sociedade etarista e homofóbica, a partir da análise fenomenológica do filme supracitado.

Suk Suk: um amor em segredo é um filme chinês, dirigido por Ray Yeung, lançado em 2019, que conta a história de

dois homens que vivem uma relação gay na velhice. Eles se apaixonam, passam a viver uma história de amor escondidos de suas famílias, nas saunas gays da cidade, mas sucumbem diante da força letal do preconceito.

Destacamos, inicialmente, que o título do filme *Suk Suk* significa “tio³” ou “tios” no idioma cantonês (ou mandarim), uma das principais línguas do grupo yuè da família linguística chinesa, e, também, em outras línguas asiáticas que vão do vietnamita até o turco, de acordo com Man e Cheong (2020). Esse termo se configura uma expressão de cortesia direcionada a homens que chegaram a uma idade mais avançada, sem que, necessariamente, façam parte ou não dos familiares do indivíduo a quem o pronome de tratamento é destinado (Man; Cheong, 2020).

Logo nos primeiros treze minutos do filme *Suk Suk*, o telespectador é apresentado a Pak e Hoi, protagonistas do filme. Pak tem 70 anos, casado com uma mulher, pai e avô, exerce a função de taxista, mantém uma vida cheia de atividades (inclusive esportivas), recusando-se a se aposentar. Em um dos diálogos com a nora, quando volta da escola, onde foi buscar sua neta, esse assunto é trazido

3 Compreendemos ser possível uma analogia com o contexto brasileiro, já que é muito corriqueiro o uso da expressão: “oi, tio”; “ei, tio” para se referir a pessoas mais velhas, não apenas direcionado a homens, mas também variando quanto ao gênero: “oi, tia”, “ei, tia”, muitas vezes, demarcando certo etarismo.

à tona. “Nora: *Se se aposentar, poderá buscá-la todos os dias.* / Pak: *Me aposentar? Pode esquecer. O que vou fazer o dia todo? Vou trabalhar até quando eu aguentar.*” (Suk Suk, 2019). Nesse diálogo, logo nos minutos iniciais do filme, observamos que Pak é apresentado como um homem que contraria as imagens, ainda presentes, nos dias atuais, sobre a velhice, associadas a sinônimo de senilidade, ligado a doenças, a perdas, à deterioração e ao declínio do corpo, como uma questão de ordem médica.

De acordo com Neri e Freire (2000, p. 8), “na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência”. Schneider e Irigaray (2008) afirmam que a velhice passou a ser vista na perspectiva acima explicitada, associada à decadência física e à ausência de papéis sociais, na segunda metade do século XIX. Tais representações negativas atravessaram os séculos e, mesmo depois, de tantos recursos tecnológicos, sobretudo, em relação à prevenção das doenças, com o avanço da medicina, ainda, há muito temor em ficar velho.

Nos intervalos do trabalho, Pak frequenta um banheiro público em busca de sexo anônimo com outros homens. Em um desses intervalos, conhece Hoi, de 65 anos, pai solteiro, aposentado, em um parque. Hoi não conseguiu permanecer em um casamento heterossexual, durante muito tempo,

vivendo uma vida clandestina com um forte peso da religião e da moralidade representadas pelo seu filho.

Vejam os diálogos a seguir, quando Pak e Hoi se encontram pela segunda vez:

Pak: Que coincidência. / Hoi: É mesmo. / Pak: De folga?
/ Hoi: Já me aposentei. Tirei o cartão da previdência ano passado. A escola da minha neta fica aqui perto. Por isso gosto de ficar por aqui. / Pak: Você tem uma neta? / Hoi: Tenho. Por quê? / Pak: Por nada. / Hoi: E você? / Pak: O que eu? / Hoi: Parece ser casado. / Pak: Há quanto tempo é casado? / Hoi: Me divorciei há bastante tempo. / Pak: Por quê? / Hoi: Fui um marido horrível. [...] / Pak: Você mora com seu filho? / Hoi: Moro. Depois do divórcio, criei meu filho sozinho. / Pak: Sua ex não quis ficar com ele? / Hoi: Não. Ela quis casar de novo. (Suk Suk, 2019).

Observamos, a partir do diálogo acima, movimentos diferentes dos personagens, quanto à experiência de vivenciar essa etapa da vida: Pak permaneceu em uma relação heterossexual, constituiu família, continuou a vida profissional; Hoi entendeu que o casamento heterossexual não seria uma possibilidade, divorciou-se logo cedo, criou o filho sem a presença da mãe, resolveu encerrar suas atividades laborais, aposentando-se.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU, 2003), há diferenças entre ser idoso, do ponto de vista cronológico, entre países considerados desenvolvidos e em desenvolvimento. Nos países desenvolvidos, é considerado idoso o indivíduo que possui 65 anos ou mais; no caso dos países em desenvolvimento, a exemplo da China e do Brasil, essa idade cai para 60 anos ou mais. Tal regulamentação foi definida pela ONU (2003), no início dos anos 80, com base na Resolução 39/125, por ocasião da Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População (Meireles *et al.*, 2007).

Todavia, várias críticas são tecidas sobre a demarcação de uma idade biológica limite para tratar de um processo individual, já que este é, sobretudo, multifatorial, biopsicofisiológico, universal e multidimensional e, sendo assim, influenciado por diversos aspectos (Baltes; Baltes, 1990 *apud* Kreuz, 2018). Nesse sentido, a velhice é uma experiência subjetiva e única, e, ainda, que mudanças físicas/biológicas possam ser reconhecidas – e se realizem – através de mudanças externas e internas no corpo da pessoa idosa, esse modo de viver essa etapa da vida é diferente para cada indivíduo, é singular, pois esse processo está relacionado a questões para além da dimensão biológica, isto é, está em articulação com as questões sociais, culturais, políticas, econômicas de uma dada sociedade (Vedan, 2010).

Na esteira dessa reflexão, procuramos o caminho para a compreensão do fenômeno da velhice e da homossexualidade, sob um viés fenomenológico-hermenêutico, na qual se propõe uma analítica do Ser-aí, em que o ente é considerado enquanto existência. A fenomenologia preocupa-se em compreender como se dão as experiências do indivíduo e, aqui, neste artigo, de maneira mais específica, tal método está sendo utilizado para também compreender como se dão as vivências de Pak e Hoi em suas relações entre si e com os outros, quanto ao fenômeno de viverem, na velhice, uma sexualidade dissonante, distante do padrão cisheteronormativo, clandestinamente.

A respeito disso, há um diálogo, no qual Pak recebe uma mensagem de agradecimento de Hoi, à noite, quando aquele está em casa, com a esposa. Pak recebe a mensagem, dá uma desculpa para a esposa, que o questiona por que ele vai sair aquela hora, e liga para Hoi. *“Pak: Oi, você pode não me ligar à noite? / Hoi: Desculpe, não vou mais incomodá-lo. / Pak: Não é isso. Pode me ligar durante o dia. / Hoi: Não posso falar agora. Meu filho chegou. Te ligo outro dia.”* (Suk Suk, 2019). Observamos, assim, em uma leitura heideggeriana, que Pak e Hoi, neste jogo de estarem lançados no mundo, como projeto, têm suas liberdades, para serem quem desejam ser, desconsideradas, diante de uma sociedade marcada por normatizações, o que faz com ambos vivam em um

mundo de aparências, submetidos às exigências de uma performance cisheteronormativa que policia e interdita outros modos de ser, relegando-os, quando possível, às vielas do marginal.

Por outro lado, essa existência funda-se na compreensão de que o ser é um nada e, sendo assim, abre-se à experiência mundana de lidar com os fenômenos diretamente, sem “macular-se” pelo filtro das teorias que anuviam a observação e a vivência desses fenômenos ou, ainda, sem “contaminar-se” com as determinações sociais que, tantas vezes, padronizam modos de ser, encapsulam o tráfego social de determinados corpos, ao produzir violências de diversos tipos, impossibilitando que o outro seja em suas diversas possibilidades. Quando, de alguma forma, esse outro consegue burlar essa padronização do plano ôntico, o faz marginalmente, cerceando seus desejos, em uma vida de segredos, apática, de desinteresses, sem entusiasmo, de silêncios, como podemos ver em um diálogo do filme entre Pak e sua esposa: *“Esposa: devo jogar esta camisa fora? Está toda gasta. / Pak: Para mim, está boa. / Esposa: Está toda desfiada nas pontas. / Pak: Faça o que quiser. / Esposa: Você nunca se importa com nada.”* (Suk Suk, 2019).

Nesse sentido, percebemos nos protagonistas Pak e Hoi, especialmente no primeiro, características como solidão, melancolia, confusão, ademais de uma aparente crise

existencial substancial, consequência possivelmente da própria sexualidade, através da qual, ambos, vivenciam suas implícitas orientações sexuais, às escondidas, quase que marginalmente (Ferreira, R., 2021). Com Pak e Hoi, abre-se a possibilidade de eles saírem “da publicidade do cotidiano” e assumirem quem são (ou quem podem ser), “seja com propriedade ou impropriedade” (Ferreira, A., 2002, p. 1). Mesmo abafando desejos, vontades, sexualidades e orientações sexuais fora do padrão cisheteronormativo, vivendo em uma sociedade preconceituosa, o que faz com que assumam um modo de ser inautêntico, no momento em que, por meio da liberdade e da responsabilidade, fazem suas escolhas próprias, a partir de suas possibilidades, singularizam-se (Sá, 2017).

O diálogo abaixo diz respeito à primeira ida dos dois à sauna gay, único lugar possível para a vivência dessa relação homoafetiva entre eles, não apenas pela situação singular na qual ambos viviam, mas também pelo contexto social mais amplo de preconceitos.

Hoi: Você nunca veio aqui? / Pak: Dirigi 18 horas por dia nos últimos vinte anos. Só tive tempo para mim depois que meus filhos saíram de casa. Só então comecei a buscar parceiros. / Hoi: Não sabe o que perdeu. / Pak: Já foi a Yok Tak Chee, a famosa sauna gay? / Hoi: Claro que já. Lembro de que não tinha a menor ideia do que fazer quando fui à primeira vez. Sentei na sala de TV

e fiquei esperando. Só via pessoas entrando e saindo. Não tinha ideia do que estava acontecendo. Depois de um tempo, decidi ir embora. Conteí, mais tarde, a um amigo e ele riu da minha cara. Disse que eu tinha que esperar até uma da manhã, quando eles fecham. É aí que a verdadeira festa começa. (Suk Suk, 2019).

Nesse sentido, Pak, Hoi, principais personagens desse enredo fílmico, são seres-aí situados. Historicamente, demarcados numa sociedade lgbtfóbica, haja vista que a China, país mais populoso do mundo, descriminalizou a homossexualidade apenas em 1997 e retirou-a da lista de perturbações mentais em 2021, conforme reportagem da Revista Fórum (2023)⁴, considerando ilegal, ainda, o casamento entre pessoas do mesmo sexo/gênero no país, quando muitos outros países já avançavam nessas questões há décadas, como o Brasil, por exemplo, embora esse país, contraditoriamente, seja o que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo, de modo que o nível de discriminação, contra essas pessoas, atinge-as em todos os âmbitos e fases de suas vidas e isso inclui a velhice.

Nessa direção, compreendemos que as experiências de viver a velhice e a homossexualidade por Pak, Hoi, assim como os outros idosos, Fei, Chiu e Dior, que fazem parte do grupo que frequenta o Centro de Serviços Comunitários For

4 Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/chinaemfoco/2023/6/21/como-ser-gay-na-china-138068.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

You Lang, fenomenologicamente, se constitui na existência. Para além de uma sociedade – ou mesmo de uma clínica⁵ psicoterápica – que, parece, ainda, patologizar, discriminar, violentar, sequestrar e matar essas existências, a fenomenologia, com base nas reflexões já levantadas, busca saber “como”, a partir da compreensão, da experiência individual, na capacidade de lidar e vivenciar o fenômeno, ou melhor, os fenômenos, os quais vão ser sentidos e vão existencialmente ser constituídos ao longo da vida, a partir de uma experiência singular situada, no movimento de ser sendo.

No caso desses personagens, por exemplo, o fenômeno “velho e gay” vai ser sentido diferentemente entre eles, pois cada experiência é única, não etérea. Certamente, um corpo velho e hetero ou um corpo jovem e hetero não saberão, em maior ou menor grau, o que é sentir na pele o peso de lidar com esses dois marcadores sociais de opressão atravessados nas existências de um corpo velho e gay. Esse corpo velho e gay poderá vivenciar situações de etarismo – discriminação contra idosos –; e de homofobia – preconceito à orientação sexual dissonante do padrão cisheteronormativo –, naquilo que Mota (2013), Correia (2009), em seus estudos, chamaram de dupla estigmatização.

5 Nesse caso, vale ressaltarmos que fazemos referência não exatamente a clínica psicoterápica em sentido *lato*, mas a determinados profissionais que, infelizmente, ainda fazem uma clínica nessa direção.

Na pesquisa de Correia (2009), ao tratar dessa questão da dupla estigmatização, constatou que há um tabu, para os próprios sujeitos da pesquisa, falarem sobre a temática, preferindo manterem-se reservados. Muitos se recusam a participar dos estudos por vivenciarem uma vida dupla, isto é, são casados com mulheres e/ou não desejam falar sobre sua vida pessoal, como pudemos ver na ficção a partir da condição do personagem Pak.

Além disso, Correia (2009) vai apontar que, com o surgimento da AIDS, pejorativamente conhecida como “peste gay”⁶, um assunto novo, antes abafado pela moralização hipócrita da sociedade emergiu: “a vida dupla de muitos homens heterossexuais, como o ‘jeitinho brasileiro’ de lidar com práticas sexuais e afetivas” (Correia, 2009, p. 61), ao que Trevisan (2000) sinalizou como uma das funções importantes que a AIDS talvez tenha cumprido que foi essa de manchar os mentirosos limites entre o que é e o que não é atividade homossexual. A respeito disso, há no filme o diálogo em que Pak aborda, pela primeira vez, Hoi, num banco de uma praça, chamando-o para um sexo casual e anônimo. *“Hoi: Olá, como vai? / Pak: Estou bem. / Hoi: Você sempre vem aqui? / Pak: Não. Estava passando pela região. / Hoi:*

6 Expressão que faz alusão às doenças da Idade Média, relacionadas como “pecado” e objeto de condenação (Correia, 2009).

Sou Hoi. / Pak: **Quer ir ali?** / Hoi: Por que não ficamos amigos primeiro? / Pak: Talvez outro dia.” (Suk Suk, 2019).

O estudo de Correia (2009), bem como o de Trevisan (2000), dialoga significativamente com os modos de vivenciar a velhice e a homossexualidade em Pak e Hoi mais precisamente em Pak, um homem casado, numa relação heterossexual, o qual vivia uma vida dupla, na qual o sexo gay era buscado anonimamente. Hoi, aparentemente mais aberto às possibilidades de lidar com a sua sexualidade por um viés mais afetivo, menos genital e mais publicizado, contraditoriamente, não se via morando em uma casa de repouso para gays, pois não gostaria que sua família soubesse sobre sua sexualidade. Ou seja: era preciso manter a discrição, o sigilo, o silêncio. A possibilidade de materializar essas relações homoafetivas não patológicas só poderia se dar se fosse às escondidas.

No caso de Pak e Hoi, os banheiros públicos e/ou as saunas gays eram os únicos espaços físicos possíveis para a vivência da homossexualidade como uma possibilidade de ser-aí do ponto de vista da sexualidade como um modo de existir.

Nesse sentido, vemos, em Pak e Hoi, de um lado, o medo, dirigido a objetos específicos: a homofobia, o temor de ser descoberto, de ser etiquetado, violentado, desmascarado; o etarismo, a sociedade que invisibiliza esses corpos, proíbe-os de entrar nos espaços públicos e também nos “guetos”,

nos quais há a possibilidade real de compra e venda de sexo e de suposto afeto como mercadoria. Até para esse aparente livre comércio, negociado na fila da liquidez das relações e da desumanização do humano, o corpo velho e gay pode ter passe negado, seu tráfego interdito, sua integridade física em risco. De outro, o ingresso desses personagens na sauna vai dando novos significados àquele lugar, permitindo que a angústia, afeto originário, remeta-os daquela realidade às possibilidades, “na medida em que, na experiência da singularidade e da estranheza”, ponham em perspectiva suas existências fácticas decaídas enquanto possibilidade (Acampora; Oliveira, 2020, p. 106).

Sendo assim, o ambiente da sauna gay, para corpos gays, figura como lugar de liberdade, porque o espaço público, em Hong Kong, é um lugar de prisão, como afirma o próprio diretor do filme Ray Yeung, em entrevista para o site Filmelir, em 2021⁷. Entretanto, é importante ressaltar que os ambientes das saunas gays variam nessa cidade. Yeung disse, nessa entrevista, que, em sua pesquisa para o filme, um idoso relatou que sua entrada foi negada numa determinada sauna gay por causa de sua idade, não mais atraente para os clientes mais jovens. Relatou também que há apenas duas casas de banho que recebem idosos gays e

7 Entrevista disponível em: <https://www.filmelir.com/br/noticias/suk-suk-entrevista-ray-yeung>. Acesso em: 23 nov. 2023.

estas, de alguma forma, tornaram-se uma espécie de centro comunitário para homens que estão *no armário* e ainda moram com suas esposas, ou que já se assumiram como homossexuais, mas foram rejeitados pelas suas famílias e foram morar sozinhos.

Por isso, que, segundo esse diretor, quando filmou *Suk Suk*, quis que o espaço da sauna fosse para além de um lugar em que as pessoas se encontravam para fazer sexo. Quis retratar um estabelecimento seguro que mais parecesse uma comunidade destinada a esses homens enrustidos. Daí que o ambiente da sauna vai mudando de significado, ao longo do filme, na medida em que a relação deles evolui: circunscrito a um cubículo, frio e sombrio, no qual eles fazem sexo pela primeira vez, passa ser “um santuário mais romântico e sonhador enquanto eles se apaixonam. Na cena em que o casal janta com os outros clientes, o ambiente é caloroso e animado como uma família feliz e solidária” (Yeung, 2021, n. p.).

Sobre essa questão, destacamos esse diálogo: “*Pak: Sua pele é muito macia. / Hoi: Não seja bobo. / Pak: É verdade. Olhe a minha. / Hoi: Você ainda está em forma. / Pak: Este corpo é fruto de décadas de trabalho pesado. / Hoi: E ser taxista é trabalho pesado?*” (Suk Suk, 2019). Nessa perspectiva, podemos observar a inscrição da intencionalidade na dinâmica das existências de Pak e Hoi como seres no mundo, de modo que as maneiras

como esses personagens vivenciam a homossexualidade vão se dando dinamicamente, especialmente, quando essa relação intenta sair da clandestinidade da sauna e se torna uma experiência amorosa.

Nesse jogo de estar no mundo, por sua vez, Pak, o personagem casado, decide terminar a relação, enquanto Hoi faz planos de seguir numa relação com Pak. Nessa situação, é possível que a intencionalidade seja compreendida no âmbito existencial do ser-aí, de acordo com as interpretações que esses personagens fazem de suas vidas, dentro das possibilidades de realização de seus projetos, na sua relação com os outros e suas implicações, no peso de suas escolhas, na carga de significados que é, por exemplo, nesta sociedade, sair de um casamento heterossexual, enquanto homem velho e gay, para viver uma relação homossexual (Kahlmeyer-Mertens, 2012).

Não é à toa que Correia (2009) identificou, ainda em seus estudos, que, quanto ao duplo estigma, seus entrevistados tiveram perspectivas diferentes para compreender esse fenômeno: “ao mesmo tempo em que ressaltaram a hipocrisia da sociedade, sublinham o modo pejorativo de se referir aos homossexuais velhos: ‘bicha velha’” (Correia, 2009, p. 137). Ser um homossexual velho faz com que as pessoas olhem essa pessoa com reprovação, pois esta possui

atitudes que vão de encontro às prescrições estabelecidas sobre a velhice e a performance de gênero.

De Beauvoir (2018, p. 233) afirma que “é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma ‘espécie estranha’, na qual eles não se reconhecem”. Imagina quando este ser humano tem no seu corpo não apenas o marcador etário, mas também o da orientação sexual dissonante do padrão? Como ele é visto? Abaixo, uma passagem do filme:

A: Pessoal, a sessão pública é daqui a duas semanas. Alguém se prontifica a falar? / Dior: Eu me prontifico, mas não sei o que dizer. / A: Contar sobre sua experiência já é o bastante. E você, Chiu? / Chiu: Já disse que não vou falar em público de novo. / Dior: Se a gente não defender nosso ponto, quem vai defender? / Chiu: Quando minhas vizinhas me viram na Parada Gay na TV, começaram a tirar barato. / Dior: Se eu fosse você, iria até essas otárias e diria: ‘Do que vocês têm medo? Que eu roube o marido de vocês?’. (Suk Suk, 2019).

O diálogo vai na contramão dos resultados de Correia (2009), quando à questão da dupla estigmatização – velhice e homossexualidade. Correia (2009) constatou que, para a maioria dos participantes de seu estudo, essa dupla estigmatização inexistia, aspecto que pode ser explicado pelo fato de eles afirmarem ser “discretos”, ou seja, corpos que

precisaram ser docilizados⁸, submetidos à norma cisheter-normativa, tornando-os submissos e exercitados ao longa de suas vidas sob pena de sofrerem às sanções sociais.

Seguindo essa linha de reflexão, destacamos algumas cenas com o personagem Hoi. Ainda que não explicitados, parece haver conflitos na relação entre seu filho e ele. Seu filho mora com a esposa e a filha na mesma casa que Hoi e, em algumas cenas, é possível observar o quanto o filho cerceia suas ações e relações, principalmente, com a neta, assim como também, reprova outros comportamentos do pai, como se, de alguma forma, ele (o filho) simbolizasse uma espécie de personificação do discurso cisheteronormativo presente na sociedade e refletido recorrentemente na sua própria casa, revestido de uma moral religiosa, servindo o tempo todo como um tipo de “régua”, um “balizador” das atitudes do pai, as quais pareciam estar sempre sob vigilância. A seguir, mais um diálogo do filme:

Nora: Todos perguntaram pelo senhor, pai. / Hoi: Não preciso ir a todos os cultos. / Filho: Foi estudo da Bíblia, e não um culto. [...] Já te disse tantas vezes. Não fale essas

8 Essa discussão se articula à ideia de “corpos dóceis” proposta por Foucault (2014, p. 134), o qual considera “dócil um corpo que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Foucault também vai afirmar que é a disciplina que fabrica corpos submissos e exercitados, os corpos “dóceis” e, sendo assim, “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (Foucault, 2014, p. 135).

coisas na frente da Grace. / Hoi: Grace, Grace, comprei um pudim de coco para você. Sente aqui. / Filho: O senhor lavou as mãos, pai? / Hoi: Estão limpas. / Filho: O senhor estava tirando o lixo. Grace. Banho. Agora. / Hoi: Ela é só uma criança. Deixe ela comer um pouco. / Filho: Eu já disse. Não é bom ela comer doces à noite. Depois não consegue dormir. / Hoi: Eu te criei assim e você cresceu muito bem. / Filho: O senhor também não devia comer. (Suk Suk, 2019).

Além disso, Hoi, em segredo, faz parte de um grupo de outros idosos homossexuais, com trajetórias singulares, que, mesmo às escondidas, conseguem ser realmente quem são, o que o diferencia de Pak, que não tem para onde ir, no que tange à expressão da sua sexualidade⁹, para além do anonimato dos banheiros públicos. Há uma mobilização desses idosos, para que, por meio de consultas públicas, no Conselho Legislativo, consigam sensibilizar e reivindicar a construção da casa de repouso gay. Esse grupo de idosos se encontra sistematicamente no Centro

9 A sexualidade, em uma perspectiva fenomenológica, distante de uma visão que a restringe à atividade sexual, constitui-se, principalmente, como “uma maneira de ser no mundo físico e inter-humano” (Merleau-Ponty, 2011, p. 219). Ainda que mantenha uma relação íntima com nossas atividades genitais, como pontua Warmling (2017), a sexualidade, em Merleau-Ponty, não se reduzirá ao sexo em sentido estrito, mas, ainda que não seja um “objeto expresso de uma consciência tética, é ela quem fomenta a forma geral da existência humana e, permeando as camadas desta mesma existência, é por ela que o homem projeta seu modo de ser e seu estilo” (Warmling, 2017, p. 88-89).

de Serviços Comunitários For You Ling, já mencionado, e lá desenvolvem uma relação não apenas política de resistência na qual se fortalecem, mas também afetiva, de cuidado, de ser-com-os-outros para, efetivamente, existirem. A esse respeito, destacamos o diálogo a seguir:

A: o Conselho Legislativo vai propor consultas públicas sobre a proposta da casa de repouso gay nos próximos quatro meses. / Fei: eu jamais iria para uma casa de repouso. É melhor me mandarem para uma prisão. Ainda estou perfeitamente saudável. Só iria se a minha família me obrigasse. / A: claro que você está bem, Fei. Você mora com sua família. Mas tem pessoas aqui, como o Dior e o Chiu, que moram sozinhos. Eles vão precisar se tiverem um problema de saúde. / Chiu: Exato. E se me internarem em uma casa de repouso hétero, para onde irão meus trajes maravilhosos? / Hoi: É por isso que não guardo nada pessoal em casa. Não quero que minha família saiba. / A: É disso que estou falando. Imaginem morar em um lugar assim, onde vocês poderão ser vocês mesmos, onde estarão entre pessoas do mesmo espírito. Vocês não seriam bem mais felizes? (Suk Suk, 2019).

A partir desse diálogo, vemos a noção de cuidado, a qual vai além do sentido ôntico, de garantir à casa de repouso gay. Ou seja: está para além de uma simples atitude. É cuidado numa perspectiva ontológica, em seu sentido etimológico, do latim *cogitare* que significa pensar, refletir, aplicar a atenção, ter-se. Se o ser humano não é cuidado, não sobrevive.

Por isso, o cuidado é uma estrutura existencial, na qual o ente se estrutura ontologicamente como cura, cuidado, preocupação. Parece ser por causa dessa noção de cuidado que eles se mobilizam para terem direito a sua casa de repouso. Nessa configuração, a casa de repouso parece ser mais do que um lugar para morar simplesmente. Afigura-se como um lugar em que as vestes maravilhosas de Chiu, segundo ele mesmo adjetivou, não serão ridicularizadas ou descartadas por não serem devidamente “masculinas”, mas serão afetiva e significativamente guardadas, como parte de sua singularidade, como seu modo de ser no mundo. Projeta-se como um lugar em que Dior não mais se sentirá ridicularizado, sofrendo homofobia, por ser um velho gay que participou da parada da diversidade, e, conseqüentemente, por, fisicamente, ter a locomoção comprometida, o medo de voltar e estar em casa talvez seja minimizado. É nessa relação com o outro, nesse encontro, nesse grupo de idosos gays, por exemplo, que o cuidado parece se autonomizar e, ao mesmo tempo, se ocupar.

Isso não quer dizer que o cuidado é sempre uma “voz ativa” em direção ao outro ou para si, no sentido de fazer algo considerado coletivamente bom para todos. Quando Fei diz que não irá para uma casa de repouso, por estar em perfeitas condições físicas, ou, quando Hoi diz que também não irá para essa casa, porque não terá coragem de olhar

para o filho, isso também é um modo de cuidado consigo. Nada fazer, “descuidar-se”, “lavar as mãos” diante da luta pela casa de repouso, não ter coragem de “dar a cara para bater”, por saber o preço do preconceito que vem a reboque, também é uma possibilidade de cuidar-se.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi compreender o fenômeno da velhice e da homossexualidade masculina, à luz da fenomenologia hermenêutica, em um contexto social marcado por discursos e práticas homofóbicas.

Esse cenário pôde ser visto tanto em nível legal, no que concerne às tramas normativas, no caso da China e por que não do Brasil, que vive uma “corda bamba”, por exemplo, quanto aos direitos ao casamento civil entre LGBTs, eximindo-se, portanto, da efetivação de uma legislação que garanta uma igualdade de direitos à vida em sua plenitude, quanto, do ponto de vista, da naturalização da homofobia, por meio da qual as existências de corpos fora do padrão vão sendo sitiadas, vigiadas, controladas e postas no “armário” da invisibilidade, da exclusão, de modo ainda mais violento, quando interseccionadas com o outro marcador social causador de opressão: a velhice.

Assim, a análise do filme *Suk Suk: um amor em segredo*, a partir das experiências singulares de Pak e Hoi, revelou,

por um lado, estarmos diante de uma geração duplamente silenciada, convivendo com os desafios da vivência de uma sexualidade marginal, nos cubículos das saunas gays e no anonimato dos banheiros públicos, sob a égide do medo como tonalidade afetiva, ou seja, reveladora de como eles estão sentindo essas opressões como homens velhos e gays. Por outro lado, mesmo diante das engrenagens sociais, determinadas a restringir a vivência do amor entre os dois, o filme nos mostra que a existência é abertura, disponibilidade, possibilidades, modos de ser que vão se dando na experiência. Ademais, o filme contribui para potencializar a figura do homossexual idoso no cinema, este, muitas vezes, visto de maneira invisibilizada e, quando muito, estereotipada.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, B.; OLIVEIRA, S. de. **Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger**. [S. l.]: Pimenta Cultural, 2020.

AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, SP: Alínea, 2003. p. 17-25.

ARRAIS, A. R.; LIMA, A. A.; SANTIAGO, K. C. Homossexualidade: sexualidade no envelhecimento. **Temporalis**, Brasília, ano 14, n. 28, p. 221-239, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7354/6154>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL (ILC-Brasil). **Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: ILC-Brasil, 2015. Disponível em: https://prceu.usp.br/usp60/wp-content/uploads/2017/07/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Politico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em: 22 nov. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 001/99, de 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 22 nov. 2023.

CORREIA, C. A. C. **Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização**. 2009. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12572>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

DE BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FERREIRA, A. M. C. Culpa e angústia em Heidegger. **Cogito**, Salvador, v. 4, p. 75-79, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012. Acesso em: 22 nov. 2023.

FERREIRA, R. A. Cinema gay em transversalidades: identidades étnicas, sexuais, culturais e sociais em masculinidades cisgêneras complexas. In: PRUDENTE, C. L.; ALMEIDA, R. de (org.). **Cinema negro: Educação, Arte e Antropologia**. São Paulo: FEUSP, 2021. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003112673.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONZAGA FILHO, B. M. Cinema e Fenomenologia: sentidos e sentimentos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 18., 2023, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, BA: ABRALIC, 2023. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=193>. Acesso em: 22 nov. 2023.

HENNING, C. E.; DEBERT, G. G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais60 – Estudos sobre Envelhecimento**, [S. l.], v. 26, n. 63, p. 8-31,

2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/54fe77c-8-12d5-4e82-b121-cc8755e7b98a>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KAHLMEYER-MERTENS, R. S. Intencionalidade: estrutura necessária a uma psicologia em bases fenomenológicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 867-882, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/8225/5978>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KREUZ, G. EnvelheSER: processo individual e coletivo. **Longevidade**, São Paulo, ano 8, n. 55, p. 49-53, 2018. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view-File/697/767>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LEAL, M. das G. S.; MENDES, M. R. de O. A geração duplamente silenciosa: velhice e homossexualidade. **Longevidade**, São Paulo, ano 7, n. 51, p. 18-35, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/BLUECASE/Downloads/642-950-1-SM.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LISBOA FILHO, F. F.; MACHADO, A.; DIAS, M. S. M. Velhos amores: a representação dos homossexuais idosos em curtas contemporâneas. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, p. 33-51, 2013. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/1463>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MAN, C. K.; CHEONG, M. D. “Suk Suk” (tios), um filme de Hong Kong que questionou o público na Berlinale. **Jornal Tribuna de Macau**, Macau, 19 mar. 2020. Disponível: <https://jtm.com.mo/opinioao/suk-suk-tios-um-filme-de-hong-kong-questionou-publico-na-berlinale/>. Acesso: 23 nov. 2023.

MEIRELES, V. C. *et al.* Características dos idosos em área de abrangência do Programa Saúde da Família na Região Noroeste do Paraná: contribuições para a gestão do cuidado em enfermagem. **Saúde e Sociedade**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 69-80, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nZzF8h6WJrkfm7bdQdyJ3TC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOTA, M. P. da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...**: homossexualidade masculina e o curso da vida. 1. ed. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

MOTA, M. P. da. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. **Sinais**, Vitória, v. 1, n. 6, p. 26-51, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2752/2220>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MOTA, M. P. da. Homossexualidade e envelhecimento: as trajetórias da vida de homens gays de camadas médias no Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2013. Disponível em: https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386765585_ARQUIVO_MuriloPeixotodaMota.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.

NASCIMENTO, D. O futuro é dos velhos: maior conquista da humanidade no século passado, a longevidade é desafio para a sociedade contemporânea no século XXI. **Continente**, Recife, ed. 245, 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/245/o-futuro-e-dos-velhos>. Acesso em: 23 nov. 2023.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, A. B. de. Uso de fontes fílmicas em pesquisas sócio históricas da área da saúde. **Texto Contexto Enferm.**, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/R9tYMQWfqhfbmfpLkNm9MfG/#>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Plano de ação internacional para o envelhecimento**. Tradução de Arlene Santos. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos

Humanos, 2003. Disponível em: <http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/manual/5.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SÁ, R. N. de. **Para além da técnica**: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNMZYb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SUK SUK: um amor em segredo. Direção de Ray Yeung. Hong Kong: New Voice Film Productions, 2019. 1 DVD (92 min).

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VEDAN, R. M. Gênero, velhice e memória: um estudo sobre a velhice masculina no município de Ponta Grossa-PR. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2010. Disponível em: https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278293034_ARQUIVO_formulario2.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.

WARMLING, D. L. A sexualidade entre a psicanálise freudiana e a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. **Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 77-93, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/2037/9761>. Acesso em: 23 nov. 2023.

WEEKS, J. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, J.; RICHARDSON, D. **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 236-246.

WLADIRSON, C.; CHAVES, E. Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay. **Rev. NUFEN**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 34-43, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912012000100004. Acesso em: 23 nov. 2023.

YEUNG, R. “Precisamos ver os idosos como pessoas tridimensionais”, diz diretor de ‘Suk Suk’. [Entrevista cedida a] Matheus Mans. **Filmelier**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.filmelier.com/br/noticias/suk-suk-entrevista-ray-yeung>. Acesso em: 23 nov. 2023.